



## O filho da terra das "águas e do sol"

Francisco Schwarz nasceu em Santa Leopoldina. Filho de Ernestina e Carlos Otto Schwarz — professor dedicado e pianista esforçado —, costumava acompanhar o pai em muitas de suas atividades. Nas matas, por exemplo, onde Otto catava insetos para depois enviá-los ao Museu de Berlim, na Alemanha. Durante 12 anos Francisco dirigiu os trabalhos da Estação de Fruticultura de Santa Maria, implantada com o fim de fixar o homem à terra naquela região. Depois de exercer muitos cargos políticos, entre eles a prefeitura do município natal, de 1948 a 28 de dezembro de 1950, resolveu se voltar para a pintura. Fez várias exposições reunindo temas rurais. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, do Conselho Estadual de Cultura e vice-presidente e curador da Casa Elmo Elton.

# Era uma vez Santa Leopoldina

*O livro do pintor Francisco Schwartz volta ao tempo de colônia e descobre uma cidade chique e faceira*

**Os rígidos princípios alemães deixam meninos e meninas separados na escola**

A109816

**Pupa Gatti**

Francisco Schwarz  
O MUNICÍPIO DE  
SANTA LEOPOLDINA



mim e para o Espírito Santo. O meu objetivo é difundir o Estado. Dei nome aos bois”, ri do seu próprio despojamento.

A pesquisa durou cinco anos. Exibe uma precisão de cartório. Às vezes, a ingenuidade de um contador de “causos”. Sobre a menina Maria Gilda, escreve, “faleceu no município, afogada, quando estava sendo banhada em uma bacia... Foi sepultada no campo santo da cidade. Construíram um mausoléu onde a cruz está sob uma armação de concreto armado. A parte interna é ôca e concretada. Permanentemente está com água, mesmo nos grandes períodos de estiagem. A origem desta água é tida como milagre. Muitas caravanas, de vários lugares do Brasil, têm vindo em romaria àquele túmulo, em busca de cura e muitos se dizem curados”. Na página 105, o autor dá mais detalhes.

## Um pouco da história



**Dom Pedro II não foi o único visitante ilustre. A foto revela a passagem do cônsul alemão pela colônia em 1900**

italiano que veio para Vitória, prestar serviço de alfaiate na importante Alfaiataria Rosemini. Posteriormente, mudou-se para Cachoeiro de Santa Leopoldina, contraindo matrimônio com uma filha da terra. De seus filhos, uma foi Miss Espírito Santo, outra poetisa e outro alto funcionário do Ministério da Fazenda”.

Até que as hortas com cebola, repolho, couve-flor e tubérculos da batata-inglesa — “importados da Alemanha e Holanda” — viessem a florescer, o município se viu às voltas com muitas dificuldades. Até inundação ele sofreu, no fim do ano de 1922. Antes do século XIX, predominavam as culturas de cana-de-açúcar e café, além do milho, feijão, mandioca, banana e laranja. No início deste século, a localidade funcionava como o maior centro comercial do Estado.

Os primeiros migrantes alemães, austríacos e prussianos se fi-

Foi “Guilherme Wesphal, lavrador, vendedor de produtos hortigranjeiros na cidade, e Ida Ewald, mãe do dr. Otto Ewald, que propuseram emprestar à Prefeitura Municipal a importância de cinquenta contos de réis cada um. Com essa atitude dos dois cidadãos foi possível concretizar a idéia de dar à cidade de Cachoeiro de Santa Leopoldina um moderníssimo serviço de iluminação elétrica. O pagamento da dívida foi feito com Guilherme após 1930, sem juros”, detalha o cuidadoso relator.

Não fugindo à tradição, Schwarz mostrou primeiro O Município de Santa Leopoldina aos leopoldinenses. No dia 20 de dezembro passado, com banda de música e tudo. As bandas, ali, fizeram carreira. A primeira da família Ditz, suíça, fazia seus próprios instrumentos. Tinha a banda da igreja do Tirol e a 11 de Outubro,

**E**ste ano não foi igual àquele que passou. O Carnaval, antes “algo de chamar atenção” em Santa Leopoldina, brincou sem corsos, carros alegóricos, serpentinas, confetes e champagne francês. A alegria dos velhos carnavais ficou

grafia dos velhos carnavales ficou guardada em livro, de nome **O Município de Santa Leopoldina**, que destemidamente o pintor e estudioso Francisco Schwarz autografa no próximo dia 10 de março, às 17 horas, no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

O autor assumiu todas as despesas. Ocupou-se até da revisão dos originais. “Quero ter autoridade para negar”, responde na ponta da língua, explicando por que não buscou patrocinador para a obra. “São sempre os mesmos. Não entro. Não me inscrevo. Sempre têm opções”, sintetiza Schwarz, repetindo leis, concursos ou outro tipo de auxílio. Dos 700 volumes que imprimiu — “com dinheiro meu” — restam poucos exemplares. A Prefeitura de Santa Leopoldina comprou 200 e o Instituto outros 200. Os que não forem vendidos na tarde de lançamento chegam às livrarias.

O pintor gostou de mexer com as palavras. “O livro, modéstia à parte, ficou bom. Mas boa mesmo é a história que conheço. Sou filho de uma terra que tem história. E ela está se esvaziando. Procurei colocar isso no papel”, explica. “Este documento é importante para

detalhes.

Nos quatro clubes locais falava-se disso e do progresso. A elite no Os Foliões. A classe média no Alfinetes da Troça. Os menos favorecidos podiam trocar de endereço. Ou bailavam no Brasil Acorda ou na Rosa do Sertão. Sendo alemão, entrava. Em um tal reduto fechado, discreto, onde a concertina mandava e a cerveja rolava farta.

Com uma fábrica tão próxima, era mesmo para se fartar. Branca, preta ou dupla, a cerveja do sr. Norberto Van de Kamp ainda fermenta como doce “recordação para os mais antigos moradores”. As fábricas de ferraduras e pregos também vingaram em chão fértil. O terreno pedregoso exigia andanças a cavalo. O peso ia no lombo das mulas. Logo, logo, os materiais citados viraram mercadorias de primeira necessidade. Com a mudança no transporte as fábricas acabaram fechando.

Atento ao vinco e ao brio dos homens leopoldinenses, Francisco Schwarz não esquece os alfaiates. João Hinz, por exemplo, “famoso costureiro e especialista em confecções de vestidos de noivas. Wenderal Josepe Castellani, cidadão

a passagem do conselheiro alemão para colônia em 1960

■ “Em 29 de janeiro de 1860, às 5,33 horas, o Porto de Cachoeiro recebia a honrosa visita de S.M. Dom Pedro II, Imperador do Brasil, que se fazia acompanhar de lúzida comitiva, integrada por D. Pedro Leão Velloso, Presidente da Província do Espírito Santo, pelo Sr. Ministro do Império, pelo futuro almirante Tamandaré, recebidos pelo então diretor da Colônia, o tenente João da Silva Nazareth, sob estrondosa salva de fogos. Existiam, na localidade, apenas algumas casas cobertas de palha, servindo uma delas à diretoria da Colônia.

■ “...A área local onde desembarcou S.M. Imperial foi doada por Bento José de Freitas. S.M., após o almoço, ocorrido às 8 horas, e, enquanto aguardava o encilhamento dos cavalos para a visita a empreender, conversou em alemão com umas crianças, filhos de colonos, as quais dançaram uma valsa ao som de uma gaita em sua homenagem. S.M. Imperial, dando início à viagem, fora recebido entusiasticamente pelos colonos por onde passava, tendo percorrido a cavalo grande parte da jovem colônia, visitando, inclusive, a única escola existente, cujo professor era o sr. Francisco Rodrigues dos Passos, tendo examinado as crianças e feito anotações em sua caderneta de viagem, atualmente arquivada no Museu Imperial de Petrópolis. Terminado a visita, que durou todo o dia e foi feita a cavalo, S.M. Imperial tomou a canoa, à noite, no porto de Barra de Mangaraí, e rumou para Vitória, chegando ao amanhecer do dia 30 de janeiro.

■ ... “Também, em 1861, chegou à Colônia seu novo Diretor, Dr. Franz Rúdio, botânico alemão, que chegara ao Brasil em 1858, com uma carta de recomendações ao Imperador, enviada pro Frederich Philip Von Marthius, botânico, dos mais cultos que o mundo já tivera e que esteve no Brasil, para onde veio com a comitiva de Dona Leopoldina, nossa primeira imperatriz. Junto com ele chegara, também, o Dr. Spix, grande zoólogo. Os dois cientistas percorreram o Brasil, desde o Rio de Janeiro até o Amazonas, usando carros de bois...”

Os primeiros migrantes alemães, austríacos e prussianos se fixam às margens do rio Santa Marina, por volta de 1831. Em 1947, ocupam as margens do rio Jucu, no ponto onde cresceu a cidade de Domingos Martins. Em 1857, a chegada de 140 colonos suíços de língua alemã coincide com a fundação da Colônia de Santa Leopoldina. Em 1860, os documentos registram 232 famílias na região. Em 1878, sobe para 7 mil esse número. Em 24 de dezembro de 1889 ele passa à condição de comarca.

Pelo rio Santa Maria da Vitória chegavam a Leopoldina os cortes de linho impecáveis, as porcelanas chinesas, de Sévres e de Saxe, perfumes e vinhos franceses, chapéus, rendas e maquinários europeus. As firmas comerciais importantes do Rio de Janeiro enviavam seus “cometas” (nome dado aos caixeiros-viajantes da época), com frequência, para a praça de Cachoeiro de Santa Leopoldina. O serviço de carga e descarga transformava a cidade em uma festa constante.

Até 1919, não existia luz elétrica. Os ricos acendiam lampiões a querosene. Os pobres, lamparinas. “Nas noites de luar os lampiões não funcionavam”, alerta o escritor.

igreja do Tirol e a 11 de Outubro, sob a regência do maestro Demócrito Pinheiro. As bandas de congo animaram muitas cerimônias e alguns tocadores de concertina criaram fama, como Lydio da Silva Rosa. O jazz reinou na década de 30, entregue aos arranjos dos músicos José Caciari, Carlos Tebaldi e Henrique Borges. Aos domingos, a dança era no coreto do jardim público. O próprio Otto Schwarz deu muita aula a domicílio de pianó e violino.

Em 1937, Getúlio Vargas decreta a nacionalização do ensino. A cidade demora a acompanhar a determinação. Na maioria das escolas o estudo era feito em alemão. Somente um dia por semana em português. Muitos poucos iam à escola. Até a emancipação política da colônia, raros mestres se destacaram, segundo o autor: Joaquim Ribeiro de Mendonça, José Alves da Mota, José Domingos da Silva Braga, Francisco Rodrigues dos Passos e Porciano Pinto de Menezes. “Em 17 de outubro de 1875, foi nomeado pelo presidente da Província, Ambrosina Collares Barroso, professora de primeiras letras e de trabalhos de agulha, para pessoas do sexo feminino”.



Na década de 50, a língua portuguesa frequenta igrejas e salas de aula



**LOJAS**

**OKay**

**LOJAS DA FÁBRICA**

HRD

GAMISA DE LINHO PURO MANGA CURTA	955.000,
CALÇA LINHO PURO	894.000,
GAMISA EM MALHA ELÉTRIZANTE	97.000,
Cheque a vista — prazo a combinar	

P. Canto: Praia Shopping  
Lj. 13 - Tel: 225-9424

Centro: Galeria Banco  
Mineiro - Lj 21 - Tel: 223-1543

Vila Velha: Centro Comercial  
V. Velha - 1º piso - Lj 48  
Tel: 329-1335

Atendimento ao Assinante de **A GAZETA**  
em Linhares. Ligue 264-2939